M. Eu creio "na Igreja una, santa, católica e apostólica" [A RELIGIÃO À LA CARTE]

Wojtyla, com o objetivo de federar todas as religiões do globo, revaloriza as religiões não-católicas:

1. **LUTERANISMO**: Primeiramente, recordemos alguns dados históricos. Os luteranos são considerados hereges e foram alvo de vários anátemas pelo Concílio de Trento. Para justificar suas especulações, Lutero falsificou a Bíblia. Ele *acrescentou* uma palavra a uma frase de São Paulo ("a fé salva" tornou-se "a fé *somente* salva") e *suprimiu* a epístola de São Tiago por causa da frase "a fé sem obras é morta". Lutero fez *Comentários de Mesa (Tischgespräche)* desagradáveis sobre a sexualidade de Nosso Senhor; "casou-se" com uma freira, frequentemente se embriagava e acabou se enforcando após uma orgia. Ele admitiu em seus escritos que sua doutrina sobre a Missa era do diabo.

Lutero exclamava: "Quando a Missa for abolida, eu penso que teremos derrubado o papado! [...] Tudo desmoronará quando sua Missa sacrílega e abominável desabar". Alguns séculos depois, seu desejo foi realizado: *seis pastores protestantes* deram instruções à comissão litúrgica de Montini, que criou uma "nova Missa" luterano-conciliar.

Pequeno detalhe significativo: a Missa católica invoca a Deus nove vezes *(Kyrie eleison. Kyrie eleison. Kyrie eleison. Christe eleison,* etc.). Isso imita os nove coros dos anjos, como explica Dom Guéranger. O *Novus Ordo Missae* de Montini contém apenas três invocações *(Kyrie eleison. Christe eleison. Kyrie eleison)*. Isso imita a *Deutsche Messe* ("Missa alemã") codificada por Lutero, que reduziu para três o número de invocações.

"Venho a vocês, ao legado espiritual de Martinho Lutero, venho como peregrino" (encontro de Wojtyla com o Conselho da Igreja Evangélica, em 17 de novembro de 1980). "Este diálogo encontra seu sólido fundamento, segundo os textos evangélicos luteranos, naquilo que nos une mesmo após a separação: ou seja, a palavra das Escrituras, as confissões de fé, os concílios da Igreja antiga" (Mensagem de Wojtyla a Willebrands por ocasião do 500º aniversário do nascimento de Lutero; *Documentation catholique,* 4 de dezembro de 1983, p. 1071). Wojtyla, portanto, tem a mesma "confissão de fé" que os luteranos, que são considerados hereges.

A "Confissão de Augsburgo" *(Confessio Augustana)* é a profissão de fé fundamental da seita luterana. Foi redigida por Melanchton (amigo de Lutero) em latim e alemão, e apresentada ao imperador Carlos V durante a Dieta de Augsburgo em 1530. Em 31 de outubro de 1999, aniversário da "Confissão de Augsburgo", luteranos e conciliares assinaram uma "Declaração Comum sobre a

Justificação", além de um "Apêndice". Aqueles que assinam ou elogiam a declaração comum são anátemas pelo Concílio de Trento. No entanto, a sala de imprensa do Vaticano (www.vatican.va) anunciou: "LOUVOR DA DECLARAÇÃO COMUM SOBRE A JUSTIFICAÇÃO" e reproduziu um discurso que culminava com esta frase: "Um documento como este constitui uma base sólida para a continuidade da pesquisa teológica ecumênica" (Wojtyla: discurso durante o Angelus, 31 de outubro de 1999).

Um trecho do apêndice desta declaração comum passou praticamente despercebido. No entanto, é surpreendente ao extremo! Aqui está ele: "A Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial iniciaram o diálogo e o continuaram como parceiros com direitos iguais *('par cum pari')* . Apesar das diferentes concepções de autoridade na Igreja, cada parceiro respeita o processo seguido pelo outro para tomar decisões doutrinárias" (Apêndice à declaração, nº 4, in: *Documentation catholique, 1999,* p. 722).

O dogma da infalibilidade é assim negado indiretamente: se "respeitar o processo seguido pelo outro para tomar decisões doutrinais" significa endossar a insurgência de Lutero contra Leão X, absolver a revolta dos protestantes contra a infalibilidade do papado e da Igreja Católica, definida solenemente no Vaticano I! E se considerarmos que a Igreja Católica e a seita luterana dialogam como "par cum pari", estamos destruindo completamente a constituição divina da Igreja, pois essa expressão latina deve ser traduzida como "de igual para igual". Mas, segundo o Papa Pio VII, "colocar a Igreja - a santa e imaculada esposa de Cristo, fora da qual não há salvação - em pé de igualdade com as seitas dos hereges" é uma "heresia desastrosa e eternamente deplorável" (Pio VII: carta apostólica *Post tam diuturnas*, 29 de abril de 1814)!

Poderíamos traduzir de outra forma a expressão "par cum pari". Mas o resultado seria igualmente prejudicial para a Igreja. Encontramos em Cícero (*Cato Major, de senectute,* 7) a seguinte frase: "pares cum paribus congregantur", que significa "os semelhantes se reúnem".

Conclusão: os protestantes são hereges. Os conciliares que se reúnem com eles provam por si mesmos que também são hereges. Como disse o grande filósofo grego Platão: "o semelhante se reúne ao semelhante".

---

2. ISLAM: "Ele é Deus único, Deus implorado. Ele não gerou nem foi gerado" (surata muçulmana, pronunciada em 26 de outubro de 1986 em Assis). "Aquele que crê na Trindade é impuro da mesma forma que o excremento e a urina" (artigo 2 da lei muçulmana).

Wojtyla estaria se convertendo ao islamismo? Um trecho de um de seus discursos sugere isso. "Os muçulmanos são nossos irmãos na fé em Deus único" (discurso aos muçulmanos, Paris, 31 de maio de 1980). Em maio de 1985, Wojtyla, ao se dirigir aos muçulmanos da Bélgica, mencionou "nossos respectivos livros sagrados"! Em 14 de maio de 1999, ele abraçou o Corão! Em 21 de março de 2000, ele rezou desta maneira: "Que São João Batista proteja o Islã" (*Osservatore Romano*, edição francesa de 28 de março de 2000)!

---

3. ANIMISMO: "Fugi da idolatria. O que os pagãos sacrificam é oferecido aos demônios, e não a Deus. E eu não quero que vocês tenham comunhão com os demônios. Vocês não podem beber da taça do Senhor e da taça dos demônios ao mesmo tempo. Não queremos provocar o ciúme do Senhor? Será que somos mais fortes do que ele?" (1 Coríntios 10:14-22).

IDOLATRIA WOJTYLIANA: Segundo o *Osservatore Romano* (edição italiana, agosto de 1985, em um artigo intitulado "Uma oração na floresta sagrada"), Wojtyla participou do culto a falsas divindades na "floresta sagrada" do lago Togo. Um feiticeiro evocou espíritos infernais: "Poder da água, eu te invoco; ancestrais, eu os invoco...". Em seguida, foi apresentado a Wojtyla um recipiente cheio de água e farinha; ele se curvou e espalhou a mistura em todas as direções. Este rito pagão significa que aquele que recebe a água, símbolo da prosperidade, a compartilha com os ancestrais ao espalhá-la sobre a terra. Wojtyla sabia perfeitamente que se tratava de um ritual religioso: "Particularmente característica foi a reunião de oração no santuário do lago Togo, onde rezei, pela primeira vez, com os animistas" (*La Croix*, 23 de agosto de 1985).

Nas Ilhas Fiji, ele consumiu o *kava* (uma bebida mágica preparada por feiticeiros, contendo uma droga).

---

4. BUDISMO E HINDUÍSMO: Na Índia, em 2 de fevereiro de 1986, uma sacerdotisa de Shiva marcou Wojtyla na testa com o sinal do *tilac* (fotografado em *La Croix*). Em 5 de fevereiro, em Madras (Sul da Índia), trouxeram-lhe uma cana-de-açúcar trançada em forma de *lingam* (falo), uma oferenda hindu ao deus carnal. Um homem aplicou-lhe *vibhuti* (cinzas "sagradas", feitas de esterco de vaca).

"A colaboração entre todas as religiões é necessária para a causa da humanidade [...] Hoje, como hindus, sikhs, budistas, jainistas, parsis e cristãos, estamos reunidos para proclamar a verdade sobre o homem [...] Discriminações baseadas em raça, cor, crença, sexo ou origem étnica são radicalmente incompatíveis com a dignidade humana" (Wojtyla, em: *La Croix*, 4 de fevereiro de 1986). O *Dictionnaire pratique Quillet* (1963) define o termo "discriminação" como "Faculdade de distinguir, discernir. A discriminação entre o bem e o mal". Wojtyla não distingue mais entre verdadeiro e falso; segundo ele, todas as religiões proclamam "a verdade sobre o homem". Mas então, se os hindus, etc., já proclamavam a verdade muito antes da Encarnação, para que serviu fundar o cristianismo?

Wojtyla, descalço em peregrinação ao túmulo de Gandhi, compartilha seu entusiasmo com a multidão: "Que estas palavras [as bem-aventuranças] e outras expressões dos livros sagrados das outras grandes tradições religiosas presentes no solo fértil da Índia sejam uma fonte de inspiração para todos os povos [...] Mahatma Gandhi nos ensinou que se todos os homens e mulheres, independentemente de suas diferenças, se apegarem à verdade, com respeito e dignidade únicos de todo ser humano, uma nova ordem mundial, uma civilização do amor, pode ser alcançada" (*Documentation catholique*, 1986, p. 284-285). Assim, os católicos deveriam agora meditar nos textos do paganismo da Índia ("livros sagrados!"), a fim de ter sucesso onde dois mil anos de cristianismo falharam. Gandhi era maçom. Além disso, ele foi iniciado na teosofia. Sua doutrina "não violenta" foi um fracasso, pois ele foi assassinado e a Índia descolonizada imediatamente mergulhou em guerra civil. Segundo Wojtyla, o ensinamento de Mahatma seria mais eficaz do que

o de Nosso Senhor Jesus Cristo, chamado de "Príncipe da Paz", e mais eficaz do que sua santa Mãe, invocada como "Rainha da Paz".

«Aquele que vos fala hoje está convencido de que o homem é o caminho que a Igreja Católica deve seguir para ser fiel a si mesma. [...] Não é isso que Mahatma Gandhi expressou: 'O que eu quero alcançar, pelo que tenho me esforçado [...] é a realização de mim mesmo: ver Deus face a face'» (*Documentation catholique*, 1986, p. 289). Segundo a filosofia panteísta da Índia, todo homem tem dentro de si uma parte de Deus. A "realização espiritual" consiste em despertar a consciência de que se é Deus. É por isso que Gandhi, ao se ver a si mesmo, pensa estar vendo a Deus, que não é senão Gandhi mesmo! O homem é Deus; é por isso que, para Wojtyla, o caminho da Igreja é o homem. Wojtyla está imerso na gnose panteísta.

"Permitam-me dirigir uma saudação especial aos membros da tradição budista enquanto se preparam para celebrar os festivais do nascimento de Buda. Que sua alegria seja completa e sua felicidade plena" (Seul, 6 de maio de 1984). Que espírito missionário!

---

5. JUDAÍSMO: Em 1935, um memorando secreto da B'nai B'rith (uma associação maçônica exclusiva para judeus) mencionava os progressos alcançados na questão da infiltração: "Empurramos alguns de nossos filhos para se integrarem no corpo católico com a missão explícita de trabalhar muito mais eficazmente na desintegração da Igreja Católica. [...] Nisso, seguimos o conselho de nosso príncipe dos judeus, que sabiamente disse: 'Façam alguns de nossos filhos cardeais e bispos para que eles destruam a Igreja'" (in: *La lettre de l'alliance Saint-Michel*, nº 73, Modane, fevereiro de 1996).

Em 1963, Maurice Pinay (pseudônimo do bem informado jesuíta Saenz y Arriaga) distribuiu seu *Complot contre l'Église* aos bispos reunidos no Vaticano, revelando os planos dos marranos: a revogação da excomunhão dos comunistas, a condenação do antissemitismo, a modernização da Igreja.

Pouco antes da morte de Roncalli, Pinay, na prefácio da edição austríaca, profetizou: "A insolência do comunismo, da maçonaria e do judaísmo chegou a tal ponto que eles já falam em colocar sob seu controle o próximo conclave, com o objetivo de colocar um de seus auxiliares no trono de São Pedro". Ele estava se referindo a Montini, cujos pais eram judeus.

Em 12 de março de 2000, Ratzinger, o suposto prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, inaugurou de maneira bastante estranha uma cerimônia de arrependimento: ele acendeu um candelabro de sete braços, que é, como todos sabem, o símbolo por excelência do judaísmo. Durante a cerimônia, o pseudo-pontífice Wojtyla fez um pedido de perdão sem precedentes: "Deus de nossos pais, tu escolheste Abraão e sua descendência para que o teu nome seja levado às nações: estamos profundamente entristecidos pelo comportamento daqueles que, ao longo da história, os fizeram sofrer, eles que são teus filhos e, ao pedir-te perdão, queremos nos comprometer a viver uma fraternidade autêntica com o povo da aliança".

Esta maneira de apresentar o povo judeu é judaica e não cristã: os judeus se consideram como "filhos da aliança" (a organização maçônica judaica se chama precisamente "B'nai B'rith", que significa "filhos da aliança"). Por outro lado, os cristãos ainda falam da "antiga aliança". Esse uso

remonta ao próprio Cristo: não foi Ele quem instituiu, na Quinta-Feira Santa, "uma aliança nova e eterna" com os cristãos? O fato de Wojtyla usar a expressão "povo da aliança" e não "povo da antiga aliança" provavelmente se explica por suas origens familiares. Na época de sua eleição, a *Tribune juive* revelou que sua mãe era judia.

Em abril de 1999, Ariel Sharon, líder do Likud (um partido político de direita em Israel), visitou Wojtyla e lhe presenteou um mapa-múndi do século XVII, *Nova totius terrarum orbis tabula*, onde a Judeia e Samaria são mencionadas em latim. Wojtyla olhou para o mapa e repetiu várias vezes: "Eu estou chegando na Terra Prometida". Sharon ficou surpreso que Wojtyla evocasse "a Terra Prometida dos judeus e não a Terra Santa dos cristãos". Então, diante dos olhares atônitos de seus interlocutores, Wojtyla, com os olhos semi-cerrados, recitou em hebraico o nome de cada um dos lugares santos listados em latim no mapa (*Paris-Match*, 6 de abril de 2000)!

Em 26 de março de 2000, Wojtyla foi ao Muro das Lamentações, o último vestígio do Templo de Salomão em Jerusalém e um lugar sagrado do judaísmo. Seguindo uma prática exclusivamente judaica, ele colocou um pequeno bilhete em uma rachadura no muro. Neste bilhete estava escrita sua solicitação de perdão aos judeus conforme citado acima.

O escritor israelense Yoram Kaniuk explicou esse gesto judaico de Wojtyla da seguinte maneira: "É absurdo esperar que o papa expresse um arrependimento maior ou se desculpe mais do que já fez pelo Holocausto e pela Inquisição, assim como pelos milênios de ódio. Ele não tem mandato de seus predecessores, que, por serem papas, não podiam errar. Ele tem, por outro lado, um mandato de amor recebido de seu Deus e que vem de sua mãe, tanto para se desvencilhar disso como cristão, quanto ao mesmo tempo para pedir piedade como órfão de uma judia" (Yoram Kaniuk: artigo no *La Repubblica* de 22 de março de 2000, citado pela revista *Sodalitium*, nº 50, junho/julho de 2000).

Um ashkenazi, Aaron Lustiger (pseudo-arcebispo de Paris), acrescentou uma observação interessante: "Ele orou, ele orou como um crente [judeu], que sabe que este muro de Herodes é o muro do Templo onde reside a glória de Deus" (*La Croix*, 6 de abril de 2000).

Entretanto, o Templo de Jerusalém não é mais de forma alguma um lugar "onde reside a glória de Deus", pelo contrário! Pois os anjos guardiães deixaram o Templo... no dia de Pentecostes! "O que poderia ser mais impressionante do que o terrível ruído que os sacerdotes ouviram dentro do santuário no dia de Pentecostes, e aquela voz clara que saiu do fundo deste lugar sagrado: 'Saímos daqui, saímos daqui'? Os santos anjos protetores do Templo declararam claramente que o abandonavam, porque Deus, que havia estabelecido ali sua morada durante tantos séculos, o tinha rejeitado" (Mgr. Jacques Bénigne Bossuet: *Discurso sobre a história universal*, 1681, parte II, capítulo 21, citando como referências o historiador judeu Flávio Josefo: *A Guerra dos Judeus*, livro VII, capítulo 13 (outras fontes livro VI, capítulo 5) e o historiador pagão romano Tácito: *Histórias*, livro V, capítulo 13).

Em 29 de agosto de 70, o Templo foi destruído pelo exército romano, como punição pelo deicídio, conforme profetizado pelo Filho de Deus (Mateus XXIV, 1-2; Lucas XIX, 41-44). Os habitantes de Jerusalém, por não terem reconhecido o Messias, foram reduzidos à escravidão pelos romanos. O povo judeu foi expulso da Palestina e disperso pelo mundo. Assim surgiu a "diáspora".

Algumas colunas do Templo de Jerusalém destruído foram transportadas para Roma e reutilizadas na construção da Basílica de São Pedro. Assim, de certa forma, o novo Templo, o novo "lugar sagrado" por excelência, agora está em Roma.

O profeta Daniel e o próprio Nosso Senhor predisseram "a abominação da desolação no lugar santo" (Mateus XXIV, 15)!

No contexto bíblico, "abominação" frequentemente é sinônimo de "ídolo", porque o culto falso aos ídolos é abominável. O "lugar santo", como mencionamos, agora está em Roma. E Roma não tem como ídolo Karol Wojtyla, líder de um culto falso?

São Vicente Ferrer (1350 - 1419) viveu durante o Grande Cisma do Ocidente, quando vários falsos papas estavam em atividade. Segundo São Vicente, "um falso papa é um ídolo", e obedecer a tal ídolo equivale a um ato de idolatria. "O papa legítimo é o pai universal dos cristãos, e a Igreja é a mãe. Portanto, ao prestar obediência a alguém que não é papa e ao atribuir-lhe as honras papais, violamos o primeiro mandamento da primeira tábua, que ordena: 'Não terás outros deuses diante de mim; não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima nos céus' (Deuteronômio V, 7-9). O que é um falso papa, senão um deus estrangeiro neste mundo, um ídolo, uma imagem ou representação fictícia de Cristo?" (São Vicente Ferrer: *Tratado sobre o Cisma Moderno*, parte 1, capítulo 3).

Revision #2
Created 3 July 2024 02:54:14 by Admin
Updated 3 July 2024 02:55:03 by Admin